

A MÍSTICA

“A VIDA É O IMENSO LABORATÓRIO PARA A ATENÇÃO, A SENSIBILIDADE E O ESPANTO QUE NOS PERMITE RECONHECER A CADA INSTANTE, POR MAIS PRECÁRIO E ESCASSO QUE ESTE SEJA, A REVERBERAÇÃO DE UMA FANTÁSTICA PRESENÇA: OS PASSOS DO PRÓPRIO DEUS.” JTM

DOS

SENTIDOS

A PROPOSTA DE ORAÇÃO PARA ESTA QUARESMA, INSPIRADA NOS TEXTOS DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, PROPÕE UM CAMINHO ATRAVÉS DOS SENTIDOS, EXPERIMENTANDO A REALIDADE DAQUILO E DAQUELE QUE VEM.



V DOMINGO DA QUARESMA

MENDIGOS OLHANDO A LUA

Não é argumento que nos ocupe demasiado, a felicidade. Contudo, precisamos desesperadamente dela. O escritor Milan Kundera escreveu que só há realmente uma pergunta importante a colocar: porque é que não somos felizes? Sabemos isso, mas fazemos tudo para nos colocarmos a milhas de uma conversa assim. Preferimos atirar a felicidade para o plano do acaso ou das superstições, como se ela dissesse respeito à matemática caprichosa do destino, mais do que às contas que nos cabem. Conformamo-nos com o facto de ser um bem tão desejado quanto escasso. Olhamo-la, por vezes, como os mendigos olham para a Lua, sem saber bem o que pensar dela e de nós, aceitando no fundo que a felicidade talvez não seja deste mundo, mas sem deixar de ficar confusos por vermos o seu brilho tão perto. Porém, daí a aceitar que a felicidade supõe uma aprendizagem, um conhecimento ou uma competência é um passo que resistimos a dar. Certamente que esta resistência tem muito de cultural. As nossas sociedades, que são de uma credence beata em relação à técnica e a tudo o que dela provenha, praticam um agnosticismo militante em relação às possibilidades de cada ser humano construir-se e consumir-se de um modo feliz. Sobre a felicidade, parece que não temos nada para dizer uns aos outros. Sobre o bem-estar, sim. Sobre a prosperidade, mesmo que mitificada, sim. Mas nem nos apercebemos de como na dança entre as gerações fica um vazio muito grande: nós não sabemos se os nossos pais foram felizes, nunca conversámos sobre isso, nem os nossos pais venceram o pudor social, ou lá o que isso seja, para saber o que vivemos ou não, como nos sentimos, como somos humanos afinal.

Será que nos temos perguntado verdadeiramente sobre a felicidade, ou somos daqueles que se põem a milhas de uma conversa assim?